

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico



Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



<https://orcid.org/0000-0003-0836-5306>



Lucilene Machado Garcia Arf

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



<https://orcid.org/0000-0003-0836-5306>

Recibido: 11/11/2023. Aceptado: 27/04/2025.

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestre em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É pesquisadora do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais.

Correo electrónico: tarissamarques@gmail.com

Lucilene Machado Garcia Arf

Doutora em Teoria Literária pela UNESP/São José do Rio Preto. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuando no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços-MEF.Brasil.

Correo electrónico: lucilene.arf@ufms.br

CÓMO CITAR: Marques Rodrigues dos Santos, T. y Machado Garcia Arf, L. (2025). Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico. *Revista de Investigaciones sobre Fronteras*, 1, artículo 04, 78-99.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Resumo

Esta pesquisa apresenta as reflexões sobre a identidade, cultura e alteridades no cotidiano dos professores fronteiriços na fronteira Brasil/Bolívia com o objetivo de identificar e discutir as relações étnico-culturais e linguísticas como meio de promoção da educação multicultural e a consolidação da função social das escolas situadas em região de fronteira. Os instrumentos metodológicos para a coleta de dados foram os questionários com perguntas abertas aplicados a professores brasileiros e bolivianos nos meses de julho a agosto de 2020. Como aporte teórico para as análises, utilizamos autores que discutem a Fronteira, a identidade e a cultura, de modo a refletir sobre os conceitos e aspectos gerados na realização desta pesquisa. A análise dos dados permitiu refletir como a culturas diversas presentes na Bolívia é percebida por professores atuantes na cidade de Corumbá e como as pluralidades culturais brasileiras são vista pelos professores bolivianos, objetivando o “olhar para o outro” e aos alunos.

PALAVRAS-CHAVES: IDENTIDADE. FRONTEIRA. EDUCAÇÃO MULTICULTURAL.

Teachers on the Brazil-Bolivia border: the look at identity, approximation and distance between discourses and linguistic prejudice

Abstract

This research presents reflections on identity, culture, and otherness in the daily lives of border teachers on the Brazil/Bolivia border, with the aim of identifying and discussing ethnic, cultural, and linguistic relations as a means of promoting multicultural education and consolidating the social role of schools located in border regions. The methodological instruments for data collection were questionnaires with open-ended questions applied to Brazilian and Bolivian teachers from July to August 2020. For the theoretical framework of the analyses, we used authors who discuss the border, identity, and culture to reflect on the concepts and aspects generated during this research. The data analysis allowed us to reflect on how Bolivian culture is perceived by teachers working

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

in the city of Corumbá and how Brazilian culture is viewed by Bolivian teachers, aiming at “looking at the other” and at the students.

KEYWORDS: IDENTITY. BORDER. MULTICULTURAL EDUCATION.

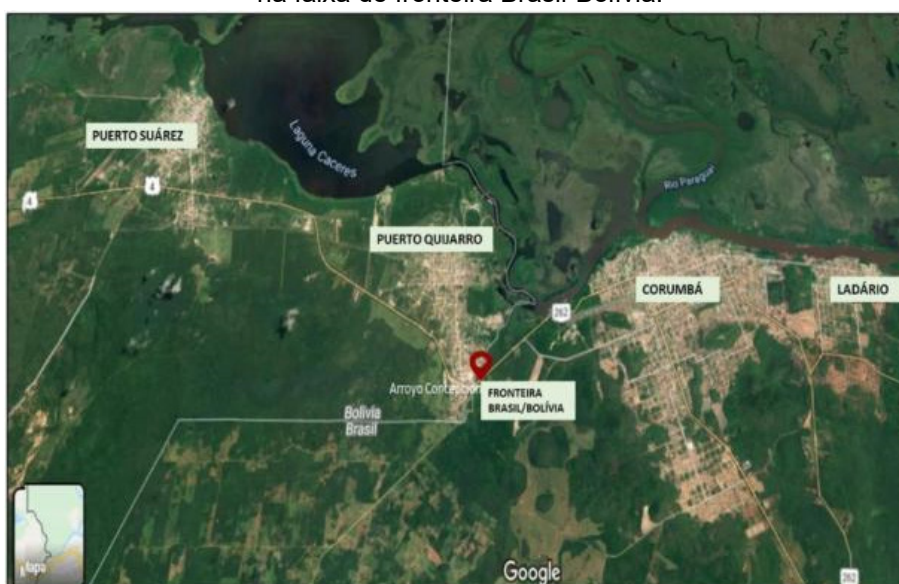
Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Introdução

Este estudo é o resultado de um processo investigativo e reflexivo sobre a identidade, cultura e alteridades no cotidiano dos professores fronteiriços na fronteira Brasil/ Bolívia com o objetivo de identificar e discutir as relações étnico-culturais e linguísticas como meio de promoção da educação multicultural e a consolidação da função social das escolas situadas em região de fronteira.

Conforme exposto, esta pesquisa tem como cenário discussões acerca das aproximações de culturas em uma área de fronteira. Para a amostragem, escolhemos as instituições que melhor poderiam oferecer subsídio para o desenvolvimento dessa investigação, que são: Escola Municipal de Educação Integral Eutrópia Gomes Pedroso e Escola Municipal Pe. Ernesto Sassida, situadas em Corumbá, e as escolas: Unidad Educativa Cleidy Duran Yovio e Unidad Educativa La Frontera, na cidade de Puerto Quijarro na Bolívia. Desse modo, estas possuem um grande número de alunos brasileiros e bolivianos. A Figura 1, a seguir, ilustra a localização geográfica das cidades de Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suárez, evidenciando a proximidade entre os territórios e a relevância do contexto transfronteiriço para a presente análise.

Figura 1. Localização das cidades de Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suárez, na faixa de fronteira Brasil-Bolívia.



Fonte: Adaptado de Google Maps.

Neste artigo, o termo *fronteiriço* é empregado para identificar as pessoas residentes na fronteira, sejam elas bolivianas ou brasileiras. Entretanto, é importante assinalar para este trabalho o recorte de uma pesquisa em nível de

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

mestrado, segundo investigações realizadas que a maioria dos corumbaenses não se consideram fronteiriços, atribuindo erroneamente o adjetivo apenas àqueles que moram no lado boliviano.

Desse modo, a identidade tem faces diversificadas: ser de algum lugar significa pertencer ou se identificar com ele. Contudo, quando este é uma fronteira que apresenta cidades gêmeas, como no caso Corumbá e Puerto Quijarro, importa refletir sobre como e quais relações se estabelecem na construção da identidade fronteiriça de quem vive nesse território. Logo, compreende-se que, primeiramente, é preciso apresentar uma definição de identidade. Charles Taylor (1994) descreve a identidade como aquilo que nós somos, de onde nós provemos, definido como um ambiente no qual os nossos anseios, desejos, opiniões e gostos fazem sentido.

Como destaca Bhabha (2013), a identidade nas zonas de fronteira emerge em um “terceiro espaço”, onde ocorrem negociações e reconfigurações simbólicas entre culturas em contato. Walsh (2009) reforça que a fronteira deve ser vista como espaço intercultural crítico, de disputa entre saberes e de reconhecimento das vozes marginalizadas.

Com isso, o conceito de identidade cultural adotado nesta pesquisa apoia-se naqueles produzidos por Stuart (2013) que não consideram-a como fixa, imóvel, cristalizada, porém sujeita à mudanças, transformações, produzidas e ressignificadas nas práticas culturais. Assim, partimos da premissa de que a construção de identidades que englobam as étnicas, culturais, territoriais e sociais etc., é um processo que está intrinsecamente ligado a contextos marcados por relações de poder simbólico. No caso das fronteiras, sejam políticas ou econômico-culturais, esta se mostra ainda mais evidente.

Nesse sentido, o poder simbólico se manifesta também no modo como determinadas formas de linguagem — como o espanhol andino ou o português regional — são legitimadas ou excluídas nos ambientes escolares. Sob essa perspectiva, uma representação social ou um símbolo tem papel fundamental de legitimação à medida que passa a ser conhecida e reconhecida como verdadeira por aqueles que lhe estão sujeitos ou que a constroem. Desse modo, Pierre Bourdieu traz um entendimento acerca desse poder existente:

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular; do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (Bourdieu, 1996, p. 9).

Pratt (1991) denomina esse espaço como zona de contato, onde culturas e línguas em interação produzem significados por meio de negociações, ten-

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

sões e resistências cotidianas — especialmente em contextos educacionais de fronteira. A identidade passa por processos de transformação e de aperfeiçoamento, gerando confronto social, pois o encontro com o “outro” é essencial em um mundo repleto de diversas culturas no qual se vive, o que permite compreender que a fronteira deixa de ter uma função negativa, como um obstáculo que não pode ser atravessado, e assim assume um caráter positivo, de comunicação entre os países vizinhos (cf. Silva, 2014).

Segundo Reichel, os enfoques nos estudos sobre fronteiras têm se ampliado, sendo destacadas as dimensões sociais e culturais e isto se dá porque “esses agentes sociais interagem com a fronteira e dela se aproveitam para concretizar desejos, reagir a dificuldades, estabelecer contatos, transformando-a em zona fronteira” (2003, p. 281). Demonstra-se assim, que a fronteira funciona mais como uma área de contato e de intercâmbio para os indivíduos que ali habitam e são cotidianamente influenciados por esta relação, do que como uma linha imaginária que divide o território pertencente a um e ao outro Estado. Nesse sentido, Manuel Castells conceitua identidade como fonte de significado e de experiência de um povo: é “processo de construção de significado com base em um atributo cultural” (1999, p. 22). Para o autor, as identidades são sempre construídas, utilizando-se de elementos da geografia, da história, de instituições e de memórias coletivas, organizações e aparatos de poder e da religião que são processados e reinterpretados pelos indivíduos e grupos sociais, formando seus significados.

O espaço fronteiro possibilita interações, uma vez que o fluxo frequente dos sujeitos dos países aproxima as culturas ao ponto de se contatarem e, consequentemente, misturarem-se. Nessa interação a linguagem é a mais visível, pois reflete a mistura que ocorre entre as culturas e, ao mesmo tempo, é compartilhada pelos falantes das duas nacionalidades. Sob essa ótica, esta desempenha um papel fundamental dentro do intercâmbio social e, principalmente, na construção do ser humano, através da relação interpessoal concreta entre falantes.

Considerando a identidade uma construção cultural, em meio a essa complexa realidade, as crianças pertencentes a este território constroem suas identidades em uma relação de diferenças, em um processo de referências cruzadas. Hall (2004) afirma que a identidade está sempre em transformação e, por esse motivo, pode ser considerada fragmentada e fraturada, pois ela consiste em algo móvel, sendo construída por práticas, que por vezes se atravessam. Além disso, Castells (1999) também assinala que, ao pensarmos no indivíduo, na criança em sociedade, entendemos-o como ser humano que convive em uma pluralidade de culturas diferentes, pelo fato das sociedades serem e estarem culturalmente inter-relacionadas.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Segundo Bhabha (2013), a identidade fronteiriça é constantemente reconfigurada em um “terceiro espaço”, onde as culturas se encontram, se chocam e criam novas formas de subjetividade. Para Walsh (2009), esse espaço também é de disputa epistemológica, exigindo um olhar que reconheça os saberes e práticas dos sujeitos como legítimos e plurais.

Sendo assim, é nesse percurso que buscamos entender o espaço escolar, brasileiro e boliviano, que recebe crianças de ambas nacionalidades e singularidades. Neste contexto, percebe-se que, por meio das diferenças, as identidades são construídas, pois pensar na educação e na diversidade cultural que esse espaço fronteiriço carrega, significa dar visibilidade às diferenças socioculturais presentes, para melhor compreendermos o que se caracteriza como diversidade cultural.

Metodologia

Os pontos de vista a respeito do sentimento de pertença à fronteira Brasil/Bolívia, mais precisamente nas cidades de Corumbá/Puerto Quijarro, conforme as respostas dos professores brasileiros e bolivianos, recaíram sobre o entendimento de questões a respeito da fronteira, o idioma do país vizinho, a importância do tema, a presença de alunos bilíngues e principalmente, se a didática desse professor apresenta uma melhor visualização das oportunidades de novos caminhos para os aspectos que afetam negativamente a educação na fronteira.

Para isso, foram utilizados questionários com perguntas abertas que serviram para captar detalhadamente o que está implícito. Em língua portuguesa, foram aplicados presencialmente aos professores brasileiros nos meses de julho a agosto de 2020, no ambiente escolar, e no mês de agosto, aos professores bolivianos, de forma remota, por meio do formulário do Google, em língua espanhola, encaminhado a seus respectivos e-mails.

Desse modo, ressalta-se que as entrevistas com os professores bolivianos não ocorreram presencialmente pelo fato de a fronteira estar fechada devido à pandemia da COVID-19. Foram realizadas 20 entrevistas, via questionários, atribuídos a cinco professores de cada unidade escolar e assim, levou-se em conta que, sob a perspectiva educacional, os trabalhos de campo propiciam um melhor entendimento das peculiaridades da prática escolar, como um aliado na abordagem do conhecimento empírico sobre a realidade a ser pesquisada.

As escolas foram identificadas da seguinte forma: Escola Municipal Pe. Ernesto Sassida (Escola brasileira A), Escola Municipal Rural de Educação Integral

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Eutrópia Gomes Pedroso (Escola brasileira B), Unidad Educativa La Frontera (Escola boliviana C) e Unidad Educativa Cleidy Duran (Escola boliviana D). O Quadro 1, a seguir, apresenta a identificação dos professores participantes da pesquisa, organizados conforme a instituição de ensino à qual estão vinculados

Quadro 1. Professores identificados na pesquisa.

UNIDADE ESCOLAR	PROFESSORES IDENTIFICADOS NA PESQUISA COMO
Escola Municipal Pe. Ernesto Sassida (Caic)	Pofessor brasileiro A 1 Pofessor brasileiro A 2 Pofessor brasileiro A 3 Pofessor brasileiro A 4 Pofessor brasileiro A 5
Escola Municipal Rural de Educação Integral Eutrópia Gomes Pedroso	Pofessor brasileiro B 1 Pofessor brasileiro B 2 Pofessor brasileiro B 3 Pofessor brasileiro B 4 Pofessor brasileiro B 5
Unidad Educativa La Frontera	Pofessor boliviano C 1 Pofessor boliviano C 2 Pofessor boliviano C 3 Pofessor boliviano C 4 Pofessor boliviano C 5
Unidad Educativa Cleidy Duran	Pofessor boliviano D 1 Pofessor boliviano D 2 Pofessor boliviano D 3 Pofessor boliviano D 4 Pofessor boliviano D 5

Fonte: Preparado pelos autores.

O olhar sobre o pertencimento: Ser fronteiro

A palavra fronteira comporta muitas definições e imagens, pois envolve limite, demarcação de espaços, lugar distante, separação, pontos de partidas e de chegadas. Entretanto, quando questionamos os professores sobre o que compreendem deste conceito, as suas respostas evidenciam um sentido de fronteira correspondente a um limite que separa dois países: “Fronteira é uma linha que separa um país do outro” (Professor brasileiro A4); “Fronteira é uma área que delimita um território do outro” (Professor brasileiro A3); “Fronteira é uma linha que divide dois países” (Professor brasileiro B1); “Meu conceito de fronteira é o limite entre dois países”¹ tradução nossa (Professor boliviano A1).

1- Todas as traduções de textos em língua estrangeira das falas dos entrevistados, presentes neste trabalho, foram realizadas pela autora.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Além disso, também afirmam que: “A fronteira é por onde passam os policiais que fiscalizam a documentação de cada cidadão, quando entra e quando sai” (Professor boliviano A2); “É uma verdadeira linha que separa um país do outro” (Professor boliviano A5); “Onde começa uma cultura e termina outra” (Professor boliviano B1) e, por último: “É um limite de separação de um determinado lugar com outro” (Professor boliviano B4).

Quando se tem a noção de fronteira como algo distante, como a separação do caminho que trilhamos, ainda que tal sujeito seja professor atuante em escolas de fronteiras, podemos considerar que há na fronteira Corumbá/*Puerto Quijarro* uma negação cultural solidificada, destacada inclusive, em pesquisas anteriores. De acordo com Arf (2016):

Subsiste nesse perímetro uma negação cultural de ambos os lados dos territórios envolvidos. Os brasileiros tentam negar qualquer influência que seja denominada como boliviana. Negam categorias específicas como alimentação, moda, música... ainda que essas sejam explicitamente cristalizadas no passado e no presente de seus habitantes (Arf, 2016, p. 173).

Na parte brasileira, entretanto, há professores com outras perspectivas, como os relacionados a seguir, que consideram a fronteira como um ponto de culturas em contato: “É uma compreensão bastante ampla, tanto no sentido geográfico quanto cultural. Fronteira não é apenas territorial entre países, mas também a cultura regional de cada nação” (Professor brasileiro A1); “Fronteira é o encontro de dois países” (Professor brasileiro A2); “Fronteira é residir exatamente entre duas localidades distintas e próximas” (Professor brasileiro A5).

Os outros professores também afirmam que: “É uma barreira entre dois países que se tornam um ponto de encontro entre dois povos” (Professor brasileiro B2) e, por último: “A minha compreensão de fronteira vai além de limites definidos por marcos territoriais, é algo dinâmico e vivo. É um espaço em que os povos se fundem produzindo novas relações” (Professor brasileiro B4).

Na fala desses professores, que enxergam a fronteira como encontros, espaço de trocas culturais onde a escola de fronteira está, onde as línguas se misturam, as pessoas e culturas se integram, e o pensamento intercultural ultrapassa as barreiras para adentrar na esfera da diversidade cultural que uma escola apresenta, “a fronteira se caracteriza por ser um lugar de comunicação e troca entre dois domínios territoriais distintos. Ela é uma construção social materializada nas relações entre os povos que vivem o cotidiano do contato e das trocas” (Machado, 2000, p. 65).

Quando foram questionados sobre ser fronteiriço, todos os professores brasileiros e bolivianos disseram considerar-se fronteiriços por diversos motivos. Tais como: “Eu me considero fronteiriço, não sou corumbaense e nem bolívia-

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

na, mas tenho origem portuguesa e espanhola, então me disponho a aprender tudo o que posso sobre essas culturas, aqui é o meu território” (Professor brasileiro A1); “Sim sou fronteiriço, pois temos interações” (Professor brasileiro A2).

Essa identidade, no entanto, é constantemente tensionada por disputas simbólicas e sociais no território de fronteira, especialmente quando analisamos as variações linguísticas e práticas interculturais nas escolas.

Dessa maneira, professores brasileiros também afirmam que: “Sim, me considero fronteiriço por morar em Corumbá, onde temos o privilégio de conhecer diariamente a cultura boliviana” (Professor brasileiro A3); “Sim, eu me considero fronteiriço e acredito que todos que vivem em região de fronteira” (Professor brasileiro A4); “Me considero fronteiriço por trabalhar em uma escola com alunos bolivianos” (Professor brasileiro B2) e, por último: “Sim me considero fronteiriço, já que sou deste lugar, nasci aqui, cresci, me formei profissionalmente e trabalho com uma grande diversidade de alunos” (Professor boliviano B2).

Dentre as falas dos participantes, há uma contradição, mesmo ao relatarem sentir-se fronteiriços: enxergam a fronteira como um limite, uma separação. Dessa maneira, a identidade consiste em uma busca de reconhecimento que se faz frente à alteridade, pois é através das relações que se mantêm com o outro, a aceitação das diferenças em relação aos demais grupos e, por consequência, à não aceitação de um único modo de ser, criado com o propósito de reconhecer o “eu” e o “outro”.

Nesse contexto, os processos de subjetivação dos sujeitos fronteiriços não se restringem à afirmação da diferença, mas envolvem estratégias de resistência, tradução e reaprendizagem cultural, como aponta Bhabha (2013), no entre-lugar onde o eu e o outro se constituem mutuamente. Tendo isso em vista, Nogueira (2007) afirma que a convivência com o outro, com o diferente, é primordial na fronteira, pois constitui fonte de referência identitária na construção do lugar e do ser fronteiriço. Haesbaert (1999) concorda igualmente com esse pensamento de que a percepção das diferenças é de grande importância para a afirmação de um grupo cultural.

No entanto, a grande dificuldade em reconhecer o outro ocorre por meio de um processo classificatório, padronizador ao estabelecer um parâmetro único de comparação, hierarquizando ou “desigualando” aquilo que apenas deveria ser visto como diferente. Desse modo, a partir da convivência com a diferença identitária e cultural, na fronteira Brasil/Bolívia também pode ser identificada a afirmação da diferença, que muitas vezes é vista com um olhar de superioridade/inferioridade:

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Na verdade, a diferença ou alteridade e desigualdade ou comparabilidade não podem ser vistos de forma nem excludente, nem de modo a que uma se dilua totalmente na outra. A fronteira entre o desigual e o diferente é sutil, e o que ora é visto como diferente pode em outra situação ser visto como desigual, e vice-versa (Haesbaert, 1999, p. 176).

Para a compreensão dos atendimentos nas unidades escolares brasileiras e bolivianas, questionamos aos professores brasileiros se eles têm alunos de origem boliviana, e todos responderam que sim (100%). Além disso, também perguntamos aos professores bolivianos se estes têm alunos de origem brasileira, e a maioria (90%) afirmou de maneira positiva. “Tenho muitos alunos de origem boliviana que atravessam diariamente a fronteira para estudar e retornam para suas casas na Bolívia” (Professor brasileiro A2).

Os demais professores também afirmam que: “Sim, tenho alunos brasileiros de origem boliviana ou como falamos de dupla nacionalidade” (Professora brasileira A1); “Tenho alunos de origem brasileira, aluno de pai brasileiro, mãe boliviana” (Professor boliviano B3); “Tenho alunos nascidos no Brasil, mas seus estudos são feitos aqui na Bolívia” (Professor boliviano A1) e, por fim: “Este ano não teve, mas em anos anteriores eu tive crianças que são filhos de brasileiros que moravam na fronteira” (Professor boliviano A2).

Nas falas de alguns professores, verifica-se que estes têm alunos bolivianos que atravessam diariamente a fronteira são denominados migrantes pendulares, pois realizam migrações no cotidiano como a grande parte das pessoas que trabalham ou estudam em outra área. Sendo assim, não deixam de transitar entre os lugares que correspondem às fronteiras, aproximando a pluralidades culturais brasileiras da boliviana.

As escolas de formação básica localizadas em faixa de fronteira, cada vez mais recebem alunos bolivianos e, escolas bolivianas os alunos brasileiros, considerando que alunos bolivianos registrados no Brasil são brasileiros, ainda que toda sua cultura esteja enraizada na Bolívia (Arf, 2016, p. 176).

O termo pendular advém do significado do movimento dos pêndulos de um relógio. Desse modo, a migração pendular consolida-se a partir do fortalecimento de novos polos secundários que estão relacionados às oportunidades de atrair a maioria dos grupos populacionais, assim como à busca de empregos, acesso à saúde, e aos estudos. Desse modo, os estudantes bolivianos, que frequentam escolas brasileiras, comprovam esse processo, pois cotidianamente atravessam o limite estabelecido entre os dois países, constituindo relações em territorialidades distintas.

Nas escolas de fronteira, circulam alunos com valores culturais, percepções e atitudes bem diferentes. Entretanto, o problema se dá nas relações de poder que envolvem conflitos, hierarquia, dominação e, na maioria dos casos, não

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

são justas com os indivíduos que as constituem. Logo, para compreender melhor como ocorre a relação entre os alunos brasileiros e bolivianos, fizemos a seguinte pergunta: ¿Como se relacionam os alunos entre si e os demais?

Dessa maneira, eles responderam que: “Todos se relacionam de forma respeitosa” (Professor brasileiro B5); “É uma relação normal de criança, não existe diferenças entre eles, eles se entendem, quem tem preconceito é o adulto” (Professor brasileiro B3); “A relação é tranquila, brincam muito sem diferenças!” (Professor brasileiro B2); “Como as crianças estudam juntas desde a creche, a relação entre eles é em sua maioria cordial, amigável” (Professor brasileiro A5); “A relação é como se fosse uma criança boliviana, não há diferenças, não há dificuldade” (Professor boliviano B4) e, por último, professor brasileiro: “Nos relacionamos muito bem, com algumas dificuldades na comunicação logo no início do ano, mas logo percebemos que podemos comunicar bem” (Professor brasileiro A1).

Essa diversidade, no entanto, é muitas vezes invisibilizada por políticas escolares que tratam os alunos bolivianos como grupo homogêneo, ignorando suas línguas originárias e seus repertórios culturais próprios.

Nas falas acima, podemos compreender que as relações fronteiriças existentes nestes espaços escolares são de aceitação do “outro”, e receptividade para com os alunos. Por outro lado, outros professores retratam as brincadeiras feitas pelos brasileiros com os alunos bolivianos, em virtude das diferenças idiomáticas, físicas e culturais que aparecem nos respectivos discursos: “A relação entre bolivianos e brasileiros aparentemente é amigável, mas quando surge um conflito, logo escutamos aquela frase: ‘Seu boliviano’”. Remetendo de forma pejorativa” (Professor brasileiro A3). Já o outro professor afirma que: “Hoje em dia a relação com os alunos bolivianos é harmoniosa, já esteve pior” (Professor brasileiro B1).

No espaço escolar da fronteira Brasil/Bolívia, as relações multiculturais resultantes dos processos migratórios estão presentes. A língua, a religião, os costumes e as práticas de cada grupo demarcam as fronteiras culturais constituídas de valores simbólicos e de identidade. Ainda assim, cabe neste espaço ressaltar que, no caso do aluno boliviano, o qual já tem sua origem histórica embasada em um processo de povoamento intenso de conquistas, e mesmo nos dias atuais, a diversidade cultural presente na Bolívia promove conflitos sociais intensos devido às ideologias políticas dos diferentes grupos étnicos, os *Collas*² e *Cambas*³.

2- Oriundo das primeiras comunidades primitivas, tornaram-se uma comunidade forte e organizada, falavam uma única língua o Aymara.

3- Descendentes dos espanhóis colonizadores.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Além disso, também é importante pontuar que a escola deve assegurar, mesmo que minimamente, um lugar de alteridade. No espaço de fronteira em estudo, localizado entre o Brasil e a Bolívia, encontramos uma diversidade étnica significativa do lado boliviano. Entre os grupos específicos que habitam essa região estão os *quéchuas* e *aimarás*, que são tradicionalmente reconhecidos como os grupos dominantes, bem como outros grupos menos mencionados, como os *guaranis*, *chiquitanos*, *moxeños*, e *yuracares*. Portanto, cada um dos grupos possui sua própria língua, cultura e tradições, contribuindo para a rica tapeçaria étnica da Bolívia.

Desse modo, as identidades étnicas desses grupos se tensionam e se articulam à adscrição como ‘bolivianos’ de forma subjetiva num processo muito mais complexo. Por um lado, a identidade nacional boliviana busca unificá-los sob uma bandeira comum, promovendo a ideia de um estado plurinacional onde todas as culturas são reconhecidas e valorizadas. No entanto, na prática, a hegemonia andina frequentemente marginaliza as vozes e culturas dos grupos não-andinos, reforçando hierarquias internas.

No contexto de fronteira, essa dinâmica se intensifica. Os bolivianos, ao interagir com os brasileiros, muitas vezes reforçam sua identidade nacional para diferenciar-se do ‘outro’ estrangeiro. Isso pode levar a uma maior coesão interna entre os diversos grupos étnicos bolivianos quando confrontados com a alteridade brasileira. Por outro lado, as tensões internas não desaparecem completamente, pois as diferenças culturais e linguísticas podem ressurgir em interações cotidianas, revelando as fraturas dentro da identidade boliviana.

Assim, a fronteira não é apenas uma linha geográfica, mas um espaço de interação dinâmica onde identidades são continuamente negociadas e reconfiguradas. Por essa razão, é fundamental compreender essas complexidades para promover uma educação multicultural que respeite e valorize todas as culturas envolvidas.

Os imigrantes pendulares estão em contato com duas culturas distintas, diariamente, duas línguas e dois povos diferentes e, muitas vezes, não conseguem dizer se são brasileiros porque estudam aqui e têm nacionalidade brasileira, ou se são bolivianos por morar na Bolívia e possuir descendência boliviana, ou seja, a falta de integração nas escolas, não é um fator pequeno e insignificante. Desse modo, a partir dessas circunstâncias, este se constitui em algo para ser pensado e revisto, pois isso pode mudar o quadro do desenvolvimento escolar desses alunos e da vida de cada um. Nesse processo, os educadores têm grandes responsabilidades, pois existem situações em que é preciso de uma intervenção para proteger o lado mais frágil, ou seja, o aluno boliviano que está sofrendo algum tipo de constrangimento.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Nesse sentido, a escola exerce esse papel social e é responsável por preparar o aluno para se tornar um cidadão consciente acerca de seu lugar na sociedade e, por esse motivo, é inaceitável o preconceito que consiste num sentimento já arraigado em nossa sociedade, por parte de um professor.

Assim, este ato se manifesta em atitudes diárias que podem fazer os alunos se sentirem desvalorizados, levando a sentimentos de frustração, raiva e hostilidade, já que a manifestação das práticas de discriminação podem incluir comentários depreciativos, exclusão de atividades, tratamento diferenciado, e a perpetuação de estereótipos culturais. Em diversos casos, muitos professores podem, consciente ou inconscientemente, fazer piadas sobre o sotaque e costumes dos alunos, negar oportunidades de participação em projetos escolares a estudantes de determinadas origens, ou ter expectativas academicamente mais baixas para pessoas de certas etnias.

Por essa razão, também é importante descrever essas práticas e suas manifestações, pois este processo ajuda a compreender o impacto negativo do preconceito no ambiente escolar ao destacar a necessidade de promover uma educação multicultural que valorize e respeite as diversas identidades culturais presentes na sala de aula.

Sendo assim, o professor é o sujeito mediador do espaço vivido da sala de aula e, por isso, precisa estar envolvido no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que possuem identidades culturais distintas. “Eles desentendem muito, na verdade vejo alguns colegas professores fazendo a discriminação com as crianças bolivianas” (Professor brasileiro A4). A Figura 2 ilustra a distribuição dos professores brasileiros que atuam com alunos falantes de espanhol, evidenciando a presença significativa de estudantes bilíngues nas escolas pesquisadas.

Figura 2 . Professores brasileiros que têm alunos que falam o espanhol.



Fonte: Preparado pelos autores.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Desse modo, perguntamos aos professores brasileiros se eles têm alunos que falam o espanhol e todos 100% disseram que sim, tendo em vista a fronteira e a proximidade entre as duas línguas. Um professor brasileiro afirma que: “A minha sala é formada por 22 alunos, entre esses, 9 são bilíngues, pois as famílias falam só em espanhol” (Professor brasileiro A1); “Sim, praticamente todos, é mais fácil falar quem fala português” (Professor brasileiro B2) e, por fim, “Sim, tenho. A vivência deles é muito maior com a língua espanhola, pois seus pais, familiares conversam na língua materna” (Professor brasileiro A3). Como ressalta Bagno (1999), não há uma única forma correta de falar português ou espanhol, e o preconceito linguístico atua como instrumento de exclusão social, especialmente em contextos escolares que ignoram a legitimidade das variantes locais e das línguas indígenas.

Também cabe ressaltar que estes alunos bolivianos apresentam uma diversidade cultural intensa, principalmente pela variação linguística, o que torna a Bolívia um território Plurinacional onde não se reconhece uma língua materna definida, mas a existência de várias línguas indígenas e do espanhol.

Em relação ao preconceito linguístico, o professor brasileiro B5, relata que tem alunos que não se comunicam nos ambientes escolares e afirma que: “Tenho, mas eles não falam na escola” (Professor brasileiro B5).

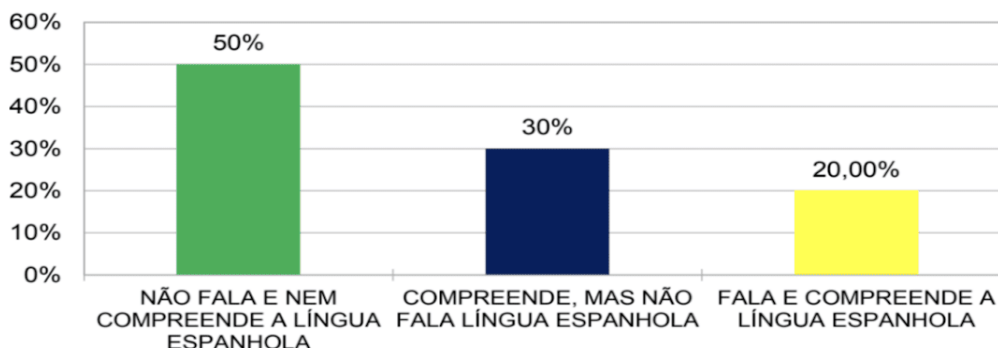
Os conflitos linguísticos geram preconceito e discriminação, além de interferir na prática do professor que se sente desestimulado para as intervenções pedagógicas de respeito, solidariedade e pluralismo cultural. Sobre os preconceitos linguísticos, Pessoa (2007, p. 299) diz:

O preconceito linguístico em relação à fala das pessoas não apenas as ofende. Consegue destruí-las. Há que se lamentar que em muitas escolas tal preconceito seja instrumento de exclusão, pois, quando crianças, nosso primeiro sonho de liberdade rumo ao conhecimento é a escola. Escola, lugar dos nossos sonhos de descoberta do mundo, lugar de experiências que deveriam ser sempre prazerosas; lugar onde, e aqui falo do interior do Brasil, das regiões de grande fluxo migratório, infelizmente, aprendemos o que significa o preconceito linguístico, que é apenas uma máscara de todos os demais preconceitos.

Ao serem questionados se falam e compreendem a língua do país vizinho, a metade (50%) dos professores brasileiros afirmam não falar, nem compreender o idioma espanhol, enquanto (30%) dizem compreender, mas não falar a língua. Portanto, somente (20%), falam e compreendem o idioma do país vizinho. A Figura 3 sintetiza graficamente esses dados, permitindo visualizar a distribuição das competências linguísticas dos professores brasileiros em relação ao espanhol, aspecto fundamental para a mediação intercultural nas salas de aula de fronteira.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Figura 3. Professores brasileiros que falam o espanhol.



Fonte: Preparado pelos autores.

Desse modo, ao serem questionados, eles afirmam que aprender a língua espanhola é importante para o processo de ensino e aprendizagem, julgando este requisito como importante. Logo, todos (100%) os professores brasileiros concordaram. Ainda assim, também destacam algumas dificuldades em entender o que o aluno muitas vezes quer comunicar e, inclusive, um dos entrevistados considerou aprender a língua: “Sim, pois me ajuda a desenvolver um bom trabalho” (Professor brasileiro B5). Já outro completou afirmando que: “Se eu falasse, meus alunos se sentiriam mais confiantes e seguros comigo” (Professor brasileiro B2).

Já o Professor brasileiro B4, argumentou que:

A princípio não julgava necessário falar, nem compreender a língua espanhola, pois os bolivianos se esforçam cada vez mais para escrever e aprender, mas depois percebi a tamanha imbecilidade em deixar passar a oportunidade e vivenciar mais a nossa fronteira. Assim, passei a buscar a compreensão e acredito na sua importância para a amplitude das nossas relações fronteiriças e como facilitador do processo educacional de nossos alunos (Professor Brasileiro B4).

A fala positiva do professor brasileiro A1, que compreende fazer parte de uma região fronteiriça composta de variados grupos linguísticos:

Eu sei falar e compreendo muito bem o espanhol, o que facilita a minha comunicação com meus alunos e com as famílias deles, julgo isso muito importante, pois é fundamental em uma escola fronteiriça como o CAIC, onde a comunidade é 70% bilíngue (Professor brasileiro A1).

Sturza (2006, p. 57), coloca como:

No paradoxo das significações da palavra fronteira se situam as línguas. É precisamente aí que ela se constitui em um espaço muito peculiar de encontro de línguas e de seus possíveis cruzamentos linguísticos. Em se tratando de línguas diferentes, como o português e o espanhol, o espaço de funcionamento dessas línguas é regulado pelas relações que estabelecem entre si

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

e com as demais línguas da fronteira. Por ser um espaço contido pelas limitações geopolíticas, ele condiciona as línguas a uma situação de confronto e de convivência.

A mesma autora (2006, p. 72), complementa ainda que: “Os falantes fronteiriços se organizam cotidianamente através de diversas relações que propiciam um intercâmbio contínuo para a formação de um entrecruzamento de dizeres, numa pluralidade de práticas languageiras que vão configurando um espaço de enunciação”. Nessa perspectiva de olhares cruzados, perguntamos aos professores bolivianos se eles têm alunos que falam a língua portuguesa, a maioria (80%) disse que sim e (20%) não:

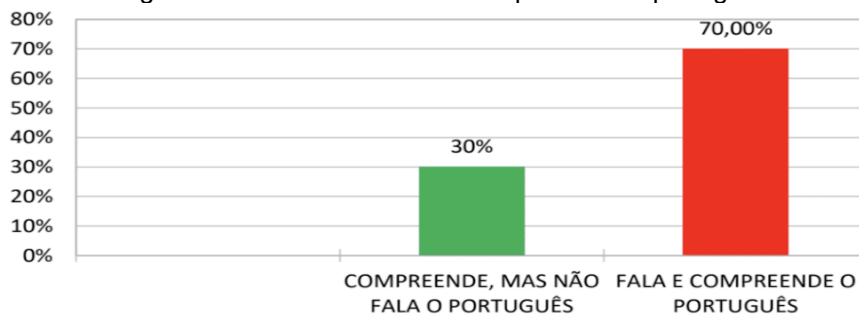
Figura 3. Professores bolivianos que têm alunos que falam o português.



Fonte: Preparado pelos autores.

Ao serem questionados se falam e compreendem a língua do país vizinho, a maioria (70%) dos professores afirmam falar e compreender o idioma português. Por outro lado, (30%) dizem compreender bem, mas ainda assim, têm dificuldades para se expressar na língua fronteiriça.

Figura 4. Professores bolivianos que falam o português.



Fonte: Preparado pelos autores.

Esse dado é significativo, já que a maioria fala e compreende a língua portuguesa, sendo assim um número considerável e expressivo, com relação aos professores brasileiros que não falam a língua espanhola. De acordo com Silva y Rivas (2014), em uma pesquisa sobre as questões linguísticas desta fronteira Corumbá/Quijarro, foram levantados que há um maior interesse dos bolivianos em aprender a língua portuguesa do que os brasileiros em aprender o espanhol.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Desse modo, ainda de acordo com as autoras, os participantes da pesquisa ao serem questionados acerca do porquê alguns vendedores bolivianos preferem falar em português, a maioria contextualiza que, como os brasileiros não falam o idioma espanhol, eles conseguem comunicar-se melhor falando em português. No entanto, alguns também dizem ser filhos de brasileiros com bolivianos que moram e estudam no Brasil, razão pela qual aprenderam a falar português (Rivas, 2010).

Logo, ao serem questionados se julgam isso importante, (100%) dos professores bolivianos e brasileiros disseram que sim, pois traz a seguinte afirmação: “Falo e entendo a língua portuguesa. Bem e acho que essa língua é importante, porque estamos numa zona de fronteira e porque nosso país vizinho é o Brasil” (Professor boliviano A1).

É muito importante aprender outra língua, tanto para mim como para os meus filhos, para os meus alunos porque também os ensinei, porque geralmente na fronteira as crianças veem televisão do Brasil, que também transmite muitas coisas boas. Assim as crianças aprendem o português (Professor boliviano A2).

Além disso, outros professores bolivianos também afirmaram que: “Bem, eu não falo muito, digamos, mas a maior parte eu entendo. E claro, eu acho que, independente das inter-relações entre os dois países, digamos comércio por outras relações também” (Professor boliviano A3).

Se falo bem português, falo muito bem e é muito importante aprender a entender e, já fiz vários cursos lá em Corumbá, fiz cursos separados, porque sou manicure e pedicure e interajo com as pessoas. E se aprende a cada dia que fiz o curso em vão, não, eu entendo perfeitamente e é importante que eu saiba para entender o meu aluno brasileiro para entendê-lo no que ele está me escrevendo (Professor boliviano A4).

A língua portuguesa é interessante, eu entendo como eles falam perfeitamente, mas eu não sei falar bem. Em alguns momentos, eu queria aprender a falar português melhor, pela importância de estarmos em uma área de fronteira porque temos o privilégio de podermos trocar essa língua (Professor boliviano A5).

É importante que eu saiba, sou professora, é muito importante que conheçamos a língua portuguesa porque temos alunos na fronteira, como disse, trabalho a 50 passos da linha Brasil e Bolívia, a nossa escola tem alunos brasileiros, temos passageiro e para nós como professora é importante saber português, falo, escrevo e interajo muito bem com os pais e com as crianças (Professor boliviano B1).

Falo português e também entendo português. Importante ser capaz de se expressar corretamente para que você nos entenda. Por isso é importante conhecer a língua portuguesa porque se está em constante relacionamento com os irmãos brasileiros de Corumbá. Acho importante e gosto de falar português (Professor boliviano B5).

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

A proposta de uma educação multicultural pode ser limitada se não reconhece as assimetrias de poder entre culturas. Por isso, uma abordagem intercultural crítica, como propõe Walsh (2009), permite compreender a fronteira como um espaço de negociação, conflito e aprendizagem entre saberes distintos. Ao invés de uma simples convivência de culturas, como propõe o multiculturalismo, a realidade da fronteira exige uma abordagem intercultural crítica (Walsh, 2009), que reconheça as assimetrias de poder entre os sujeitos, valorizando as práticas plurilinguísticas e os saberes produzidos nas margens como centrais para uma educação mais justa e emancipatória.

Considerações finais

Para finalizar, nas citações acima, destaco a importância de professores brasileiros saberem falar a língua fronteiriça, já que estarão em constante relação com alunos bolivianos e a cultura que os cercam. Essa prática linguística é fundamental para que se possa compreender o processo de estar entre línguas, porque se encontram no lugar em que reside a fronteira. Nesse sentido, a partir da análise das respostas dos professores que afirmam sobre as relações cotidianas de contatos linguísticos, sendo parte da história da fronteira, ora apresenta discursos de aproximação, ora de afastamento, a depender da ocasião, do contexto sócio-cultural e dos interesses pessoais.

Desse modo, no contexto fronteiriço analisado, percebemos que há grande influência das duas línguas (português/espanhol) pelo contato entre as duas culturas distintas, pois brasileiros e bolivianos trafegam diariamente entre as duas cidades para trabalhar, comprar, passear, estudar, conviver com famílias pertencentes à outra nacionalidade.

Considerando os aspectos acima mencionados, esta pesquisa mostrou um esboço a respeito das culturas diversas presentes na Bolívia e de como as diversas práticas culturais bolivianas são percebidas por professores atuantes na cidade de Corumbá. Por outro lado, também professores bolivianos tiveram a oportunidade de ter contato com as pluralidades culturais brasileiras com o objetivo de “olhar para o outro”, ampliar seu repertório cultural e compreender a fluidez das identidades em espaços transfronteiriços.

Sob essa perspectiva, diante da realidade multicultural e multilíngue da região de fronteira entre Brasil e Bolívia, devido à sua formação étnico-linguística resultante de fluxos migratórios, as relações culturais e linguísticas são vivenciadas por diversos professores nas escolas desta região a partir das trocas realizadas entre professores e alunos no contato diário da sala de aula que busca integrar a língua espanhola e brasileira, ancorada em suas respectivas particularidades.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Portanto, este estudo sobre Brasil/Bolívia como duas fronteiras mostrou que muitos professores brasileiros se consideram “ser fronteiriços”, porém não falam/compreendem o idioma do país vizinho, tampouco sabem como lidar com situações de multilinguismo e multiculturalismo na escola. Embora a língua oficial do Brasil seja o português, é preciso considerar e respeitar a existência de diversas línguas, culturas e identidades sociais, dentro do ambiente escolar, já que a escola é um dos principais espaços onde se consolidam os discursos identitários. Em outras palavras, pode ser considerada o lugar em que a criança está exposta a diversas situações de interação.

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

Referencias bibliográficas

- » Arf, L. B. M. G. (2016). Considerações sobre a fronteira brasil/bolívia em Mato Grosso do Sul. *Revista Geopantanal*, 11(21), 171-160.
- » Bagno, M. (1999). *Preconceito linguístico: O que é, como se faz*. Edições Loyola.
- » Bhabha, H. K. (2013). *O local da cultura*. Editora UFMG.
- » Bourdieu, P. (1996). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- » Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. Paz e Terra.
- » Haesbaert, R. (1999). Identidades territoriais. In Z. Rosendahl y A. M. Corrêa (Orgs.) *Manifestações da cultura no espaço*, 33-56. Ed. UERJ.
- » Hall, S. (1998). *A identidade cultural na Pós-Modernidade* (6ª ed.). DP y A Editora.
- » Hall, S. (2004). Quem precisa da identidade? In T. T. Silva (Ed.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*, 103-133. Editora Vozes.
- » Machado, L. O. (2000). Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. *Revista território*, 8, 9-29.
- » Nogueira, R. J. B. (2007). Fronteira: ¿espaço de referência identitária? *Revista Ateliê Geográfico*, 1(2), 27-41.
- » Pessoa, M. (2007). Concepções de linguagem e políticas linguístico culturais: aproximações e/ou afastamento na educação linguística. *Revista da Universidade de Aveiro, Portugal. Letras*, 1-34.
- » Pratt, M. L. (1991). Arts of the Contact Zone. *Profession*, 33-40. <http://www.jstor.org/stable/25595469>

Professores na fronteira Brasil-Bolívia: o olhar sobre identidade, aproximação e afastamento entre discursos e preconceito linguístico
T. MARQUES RODRIGUES DO SANTOS y L. MACHADO GARCIA ARF

- » Reichel, H. (2003). Personagens fronteiriços em tempos de guerra: a região platina (1811-1820). In H. Gutiérrez, M. R. C. Naxara, y M. A. S. Lopes (Orgs.), *Fronteiras: paisagens, personagens, identidades*, 77-96. Franca: UNESP- Olho D'Água.
- » Rivas, V. E. (2010). *Português e espanhol em contato na fronteira Brasil/Bolívia*. Anais do I Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL (I CIPLOM) e I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL, 1–8. Foz do Iguaçu, Brasil.
- » Silva, T. T. (2014). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora Vozes.
- » Sturza, E.(2006) Línguas de fronteiras e *políticas de línguas*: uma história das idéias lingüísticas. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/375748>.
- » Taylor, C. (1994). *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*, 45-94. Instituto Piaget.
- » Walsh, C. (2009). Interculturalidad y colonialidad del poder: Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In C. Walsh, Á. García Linera y P. Mamani (Orgs.), *Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento* (pp. 47–74). Vicepresidencia del Estado Plurinacional / Instituto Internacional de Integración.